

Ateliê, arte e docência: uma entrevista com Teresa Eça

Studio, Art and Teaching: An Interview with
Teresa Eça

Taller, Arte y Docencia: Una Entrevista con
Teresa Eça

Marcelo Forte (Unespar-Brasil) ¹

1 Professor adjunto na Universidade Estadual do Paraná - Campus de Curitiba II/ FAP. Doutor em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra. Tem interesse em processos de formação de professores-artistas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1214662166228179> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3959-2085> e-mail: marcelofortear@gmail.com.

RESUMO

Entrevista realizada com a professora, artista e pesquisadora portuguesa Teresa Torres de Eça, em janeiro de 2020, para investigação de Pós-Doutoramento em Belas Artes intitulada “O ateliê como espaço de produção na formação do professor-artista”. O intuito era ampliar as discussões sobre os processos de atravessamento de arte e docência na constituição do/a professor/a-artista a partir das experiências da entrevistada. A conversa ocorreu em seu ateliê, espaço que ela descreve como capela de introspecção, criação e experimentação. Teresa refletiu sobre o conceito de artista menor, sobre a docência como prática artística relacional, entendendo o “estar junto” dos estudantes e da comunidade como gesto de criação, e sublinhou a importância de manter uma produção artística, para o bem-estar, a identidade e a legitimidade dos professores de arte. O diálogo evidenciou ainda como o ateliê pode se apresentar como um lugar de encontro da arte, da docência e da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

Ateliê; Professor/a-artista; arte menor; docência em artes visuais; processos de criação.

ABSTRACT

Interview conducted with the Portuguese professor, artist, and researcher Teresa Torres de Eça in January 2020, as part of a Postdoctoral investigation in Fine Arts entitled “The studio as a space of production in the formation of the teacher-artist.” The aim was to broaden discussions on the processes of intersection between art and teaching in the constitution of the teacher-artist, based on the interviewee’s experiences. The conversation took place in her studio, a space she describes as a chapel of introspection, creation, and experimentation. Teresa reflected on the concept of the minor artist, on teaching as a relational artistic practice, understood as “being together” with students and the community as an act of creation, and emphasized the importance of maintaining an artistic practice for the well-being, identity, and legitimacy of art teachers. The dialogue also highlighted how the studio can be conceived as a place where art, teaching, and research converge.

KEY-WORDS

Studio; Teacher-artist; Minor art; Teaching in visual arts; Creative processes.

RESUMEN

Entrevista realizada con la profesora, artista e investigadora portuguesa Teresa Torres de Eça en enero de 2020, en el marco de una investigación de Posdoctorado en Bellas Artes titulada “El taller como espacio de producción en la formación del profesor-artista.” El objetivo fue ampliar las discusiones sobre los procesos de cruce entre arte y docencia en la constitución del/la profesor/a-artista, a partir de las experiencias de la entrevistada. La conversación tuvo lugar en su taller, espacio que ella describe como una capilla de introspección, creación y experimentación. Teresa reflexionó sobre el concepto de artista menor, sobre la docencia entendida como práctica artística relacional, el “estar juntos” con los estudiantes y la comunidad como gesto de creación y subrayó la importancia de mantener una práctica artística para el bienestar, la identidad y la legitimidad de los profesores de arte. El diálogo evidenció también cómo el taller puede presentarse como un lugar de encuentro entre el arte, la docencia y la investigación.

PALABRAS-CLAVE

Taller; Profesor/a-artista; Arte menor; Docencia en artes visuales; Procesos de creación.

No início do ano de 2020, durante um processo de pesquisa de Pós-Doutoramento em Belas Artes, realizei algumas entrevistas com professores-artistas a partir de encontros em seus ateliês. No mês de janeiro daquele ano, viajei até Viseu, cidade localizada no centro de Portugal, para encontrar com a professora, artista e pesquisadora Teresa Torres de Eça, que aceitou participar da pesquisa. Eu já havia visitado seu espaço anteriormente, mas somente de passagem. Interessado em saber mais sobre seu ambiente de trabalho, suas produções e suas ideias acerca da arte e da docência, encontrei com Teresa na rodoviária e de lá seguimos até sua casa. Seu ateliê está localizado no subsolo da casa. Há um forno para queima de cerâmicas, cavalete e diversos materiais e documentos de trabalho.



Fig. 1. Teresa Eça em seu ateliê, 2020. Fonte: arquivo do autor.

Dei início à nossa conversa partindo de uma expressão utilizada por Teresa em um artigo seu publicado no Livro *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia*, organizado por Belidson Dias e Rita Irwin (2013). Na ocasião Teresa autointituiu-se artista menor. Curioso, quis saber mais sobre essa definição e de como se dava esse reconhecimento diante dos próprios conceitos de ser artista e de fazer arte.

Teresa: Foi uma brincadeira sobre os preconceitos, sobre os artistas que não são conceituados no círculo oficial das artes, que antigamente chamavam artista menor, sobretudo para as mulheres. Por exemplo, Josefa d'Óbidos era tida como uma artista menor porque era mulher, mas era tão boa como os pintores da época. Mas por ser

mulher e por viver na província era uma artista menor. E a crítica da arte até o século XIX sempre a tratou muito mal, sempre como uma artista menor porque não tem a capacidade dos artistas homens e isso ficou-me, aquela coisa do artista-menor e depois as artes e o artesanato, as Artes e Ofícios, eram consideradas também uma arte abaixo das artes que se expunham nos museus e que se vendia nas galerias e eu sempre achei isso muito injusto e pensei que se calhar, quando escrevi esse artigo, era altura de resgatar o menor, como o menor sendo tão bom quanto o maior. Portanto, resgatar as margens e resgatar um tipo de arte que não é considerado arte oficial ou que é considerada arte funcional que é o caso do design ou artesanato ou pura e simplesmente a arte que não entra nos circuitos oficiais porque não se conforma com aquelas regras. Gosto dessa coisa do ser pequenino, de trabalhar nas margens, da insignificância. Eu acho que as coisas insignificantes são sempre as mais importantes. Pronto, a lógica era essa, resgatar o pequenino, resgatar o que não tem importância, pelo menos para determinadas pessoas e também um bocado subverter a lógica do que é arte, e onde é que é a arte. A arte pode ser em todo lado. Eu gosto muito de me ver como uma artista menor porque eu escolhi ser educadora, arte-educadora e para mim isso é uma forma de arte. Mas não é uma arte maior, da arte que se expõe, ou da arte que vem dos livros de história da arte, é a arte que não existe ou que é insignificante ou que nem sequer é considerada arte, mas para mim é tão arte como outra coisa qualquer, como quem diz arte-educadora, quem diz os cuidadores-artistas que trabalham em hospitais, que trabalham em comunidades, fazem coisas pequenas, a vida deles é arte, trabalham com arte todos os dias e, no entanto, é uma arte menor.

Marcelo: E é visto pelo circuito das artes visuais como uma arte menor

Teresa: Ou não-arte... E então gostava de subverter um pouco as coisas e pôr as pessoas a pensar “por que é que tem de haver uma arte de elite e uma de não elite? Por que é que é arte? Qual é o conceito de arte?” Embora a palavra arte é uma palavra muito elitista. Se calhar esse mal-estar que a gente tem, nós que trabalhamos nas margens, parte desse conceito de arte. Há pessoas que dizem que deveríamos chamar cultura e não arte. Para mim, produzindo coisas ou não podemos implementar ações, não temos que estar sempre a produzir objetos. Em nenhum outro campo se faz o que a gente faz, ou na educação ou num centro cultural, ou num museu, numa galeria ou no nosso dia a dia, porque o nosso dia a dia também pode ser uma obra de arte.

Marcelo: Quando você buscou pela formação em artes, já tinha em mente quem você viria ser? como artista menor, como professora?

Teresa: No início eu fui treinada para ser artista, para expor em galeria e museus numa escola de belas artes, modernista, desde pequenina que não pus em causa que seria outra coisa. Mas depois quando cheguei lá não gostei. E aí que descobri a arte

menor que era muito mais divertida. Foi depois de tirar o curso que comecei a dar aulas por acaso e gostei muito e achei que a educação artística pode ser também uma maneira de fazer arte com os outros. Eu nunca fui preparada para ser professora de arte, acho que foi a vida que me preparou.

Marcelo: Estar em sala de aula também é fazer arte?

Teresa: Sim, fazer arte com os outros. O fato de estar a trabalhar com qualquer nível de idade, com crianças, adultos, o fazer em si, o fazer junto, seja arte ou artesanato é uma situação de comunicação, uma comunicação muito única que é a comunicação através da arte e isso pode ser arte. Não tem que ser um objeto, pode ser um estar junto. Eu acho que o mais importante que a educação pode tirar da arte é precisamente isso, é o relacionamento interpessoal, que fala também o [Nicolas] Bourriaud, que fala da arte relacional, do estar junto, o fazer coisas juntos, ou só pensar junto, ou não fazer nada. Essa coisa do não fazer nada estou a aprender agora, sobretudo com meu trabalho com pessoas deficientes, que às vezes não temos que fazer nada, é só estar juntos, mais nada. E isso também pode ser uma atividade artística.

Marcelo: E o espaço do ateliê, como foi se configurando?

Teresa: Eu sempre tive um espaço onde trabalhava. Nas outras casas onde vivi eram garagens, espaços muito maus de luz, mas sempre precisei ter um espaço, que é um espaço de introspecção. Preciso ter esse espaço, uma capelinha, é a minha capela, onde medito, onde penso e onde tenho meu isolamento e depois quando viemos para esta casa e tive a hipótese de fazer o ateliê, começou, pronto, eu vou fazer um ateliê e tem que ter cerâmica, porque eu gosto de cerâmica, tem que ter espaço para tirar fotografia também, o meu marido é gravador então tem que ter o outro lado a prensa, essas coisas. E o espaço foi-se fazendo e sendo habitado, as vezes é habitado mais pela ceramista, outras vezes mais pela pintora, outras vezes é habitado só para pensar, para refletir, mais nada.



Fig. 2. Vista do ateliê de Teresa Eça, 2020. Fonte: arquivo do autor.

Marcelo: Você precisa estar no espaço para conseguir ter esse momento?

Teresa: É importante, às vezes se não estou a fazer nada, arrumo. Passo a arrumar o ateliê. Mas o arrumar o ateliê é como se fosse um ritual. Não tenho projeto nem nada, mas vou arrumar o ateliê, depois logo se vê. E ter esse espaço meu, onde eu ponho minhas coisas, meus utensílios, é muito importante, detesto que venham para aqui. Visitas, não quero que entrem.

Marcelo: E tem alguma rotina diária ou é quando dá vontade?

Teresa: Não é sistemático, não tenho uma rotina sistemática, acho que sigo um bocado a minha vontade, há alturas em que eu preciso mesmo fazer coisas, desenhar e produzir ou de fazer rascunhos e aí posso vir todos os dias, mas não quer dizer que seja uma rotina. É quando acho que tenho algo para fazer, ou que tenho algo a explorar e descobrir, e aí venho todos os dias, mas não é sistemático, não é uma fábrica.

Marcelo: Sobre esses processos de criação, como funciona?

Teresa: Nos desenhos, na pintura, faço mais livros de artista, tenho projetos

colaborativos, tive outro projeto que era sobre o tempo, fiz cadernos só sobre o tempo, e esses temas podem demorar anos ou meses, não sei quanto tempo vai demorar, mas isso é mais nos cadernos. Tem sempre um tema. Tive uma série de aquarelas que o tema era o olhar o outro, perscrutar sabe? Então estive 6 meses a trabalhar sempre nesse tema do olhar. Outro projeto que eu tive, eu gostava muito dos livros do Mia Couto, e decidi fazer uma série de aquarelas sobre os personagens do Mia Couto. Eu estive dois anos nisso, fiz uma série de aquarelas. Trabalho muito por projetos, nas questões das aquarelas e dos cadernos, tenho o caderno das estações, da tranquilidade, da intranquilidade, pronto... na cerâmica não, a cerâmica é muito o que vem da terra. Não me interessa nada se sai ou se não sai, vou experimentar. É do corpo. É um bocadinho diferente. É a ligação à terra, ao fazer. Eu não faço muito esculturas, cerâmica faço. Mas também não posso dizer que são peças funcionais, são peças todas tortas, mas tem essa necessidade do objeto útil e que afinal não é nada útil, acho que tem a ver com a pré-história, o fabrico dos objetos, e com o fato de ser mulher também, acho que tem muito a ver com isso. Gosto muito de fazer contentores.



Fig. 3. Cerâmicas e livros de artista de Teresa Eça, 2020. Fonte: arquivo do autor.

Marcelo: Essa forma de produzir aqui no ateliê reverbera na sua forma de ser educadora e investigadora?

Teresa: Sim, certamente. Sobretudo nos cadernos, porque nos cadernos eu faço muitas reflexões sobre temas que surgiram na escola ou que surgem no grupo de investigação, um tema que está a me perturbar e preciso trabalhar, é quase um complemento. O trabalho da investigadora escreve, mas por trás da escrita está um trabalho muito visual. Às vezes também como professora, uma vez fiz uma série de cadernos das coisas que me impactavam nas aulas, foi antes da série Gaze – dos olhares. Pronto, a dúvida, e não era propriamente sobre as aulas, mas vinha com as aulas, era aquele sentimento, aquela sensação que eu tinha nas aulas e depois acabei por fazer uma série de cadernos.

Marcelo: E esse processo retorna para a sala de aula?

Teresa: Ajuda-me a compreender as situações como professora e depois acaba sempre por retornar na perspectiva que eu dou da arte para meus alunos porque na medida em que pratico posso partilhar com eles a minha maneira de fazer as coisas. O que eu trabalho, o que eu fiz com plantas ou com terra, com colagens vem das aulas, vem dos exercícios que eu dava nas aulas. Eu faço sempre exercícios antes de dar aos alunos, faço sempre, acho que tenho que fazer para ver se aquilo funciona e foi daí que íamos trabalhar a matéria, a textura. E acabou por vir ao meu ateliê algo que eu nunca faria na minha vida. Mas pronto, já que fiz o exercício com os alunos, também tive que fazer comigo.

Teresa me convida para explorar o ateliê e vai mostrando seus arquivos de materiais. Também me apresenta uma série de desenhos chamada Gaze e diz que posso escolher uma para mim. Olho todas as imagens e pergunto sobre o tipo de papel. Teresa responde-me que são papéis artesanais. A série é de 2004.

Teresa: Engraçado que isso começou ao olhar para as carinhas dos meninos, aqueles olhinhos quando estão na primeira aula a olhar para ti.

Teresa segue mostrando alguns livros de artista e algumas colagens.

Teresa: Vou te mostrar este, aquele que falei do tempo. Então por que é que começou este? Uma amiga minha que morreu de cancro e ela sabia que ia morrer e eu fiz este livro para ela, que era a transparência do tempo. Fiz vários, este foi para mim e depois fiz outro para ela. Este outro foi depois de ir ao Japão, aqui tem minhas impressões do Japão.

Marcelo: E essas camadas que você vai criando?

Teresa: Ah, isso demora muito tempo para fazer.

Teresa então começa a mostrar todo o material que vai coletando e armazenando para futuramente servir às colagens, sobreposições e camadas que cria em seus livros de artista. Mostra também livros produzidos desde sua graduação.



Fig. 4. Materiais de trabalho de Teresa Eça, 2020. Fonte: arquivo do autor.

Marcelo: Tem essa prática de voltar aos livros e seguir produzindo neles?

Teresa: Sim, sempre. Faço muito isso, e também se não tenho ideia, volto aos cadernos, vou buscar esboços e desenvolvo e vou fazendo essas coisas. Este livro é aquele que te falei quando faço os exercícios que dou aos alunos, acabo por fazer e por caminhos que não queria, das texturas e das matérias. E isso vem das aulas, eu nunca na vida iria por estas coisas. Mas foi engraçado trazer estas experiências. E eu acho que o fato de eu fazer, fica mais fácil de explicar depois. Se eu não fizer, não consigo explicar muito bem, não é fácil explicar a eles [risos].

Marcelo: Ainda mais quando tem todos aqueles olhares sobre você!

Teresa: Nós podemos só mostrar os livros e dizer sobre aquilo que os outros fazem, não é? Mas acho que também se nos envolvermos nas experiências, também é bom, não é? [Em sala de aula] há uma relação que se cria quase de trabalho em conjunto e se nós não trabalharmos, não poderemos fazer isso, se nós não tivermos a atividade artística. Eu mostro as minhas colagens, os cadernos e, pronto, eles podem até achar estranho [risos]. É muita exposição também, sabes? Porque depois nós ficamos vulneráveis até como artistas, pois afinal é um público, é uma audiência que está ali e quando se mostra o que fazemos, eles vão julgar; mas eu acho que é um risco que tem que se correr. Para discutir por que eu faço assim, se podia fazer de outra maneira e você se calhar até tem outro traço e depois mostrar exemplos de outras pessoas que têm outras maneiras, outro estilo de fazer. Mas é uma posição em que nos colocamos vulneráveis, era mais fácil não levarmos as nossas obras para as aulas, mostrar apenas o que os artistas fazem. O fato de se reconhecer professora-artista requer um bocadinho de coragem, não é só dizer: “ah eu também faço exposições em tal sítio”. É mostrar o que faz e estar sujeito a crítica. A humildade é muito importante no professor-artista e é o que o artista não tem. E é essa a diferença. Ao fim e ao cabo todos os professores de arte são professores-artistas, não é? Por exemplo: professores das belas artes são professores embora eles não se reconheçam como tal, eles se reconhecem só como artistas, mas na verdade também são professores. Mas acho que é mais nos outros níveis de ensino, no nível do secundário, que os professores de artes se reconhecem como artistas menores e como professores menores também. No entanto, o fato de ter uma prática, eu vejo na formação que fazemos para os professores, o fato de ter prática artística dá-lhes muito mais bem-estar psicológico, emocional, que eles perderam, porque, foram treinados como artistas, muitos deles, nem todos. E depois acabaram por estabelecer a identificação profissional de professores. Então ficaram ali num vazio, nesse vazio, também deixaram de praticar e de mostrar os seus trabalhos. E acho que é importante para o professor de artes, é muito importante nunca deixar de produzir, o que quer que seja, por uma questão de bem-estar, de saúde, mais nada. Essa definição do professor-artista é engraçada. Não é o arte-educador, nem o professor de arte, é o professor-artista. É o professor que é professor e é artista e uma profissão está conectada à outra, não há barreira nenhuma. Elas confundem-se às vezes. O ser artista não tem que ser um produtor cultural.

Teresa mostra alguns trabalhos expostos no ateliê de outros professores-artistas, pontuando que, ao tê-los na parede, ela mesma está legitimando aquela produção enquanto arte.

Teresa: Se alguém te reconhecer como artista, tu és artista. E se calhar, aos professores falta-lhes isso, falta-lhes o reconhecimento como artista. Os professores-artistas têm vergonha de se exporem, que é difícil, não é? Pois são professores.

Marcelo: E aí é difícil conseguir que o aluno, que também tem vergonha, produza.

Teresa: Exato. Na arte é muito importante o juízo de valor, o julgamento. Se nós não somos capazes de nos expor a juízos de valor, também não somos capazes de fazer juízo de valor. No professor-artista nós criamos nossa própria comunidade. Reconhecer uma comunidade de prática artística dessas pessoas que também dão aulas e ao darem aulas também são artistas.

Considerações finais

O ateliê de Teresa Eça, escolhido como espaço para a realização da entrevista, possibilitou não apenas uma aproximação com a produção da artista, mas também um encontro com seu pensamento e suas ideias acerca da arte menor, da valorização daquilo que pode ser insignificante para certos olhares e das partilhas possíveis que acontecem nos encontros.

Como professora, defendeu o exercício artístico como forma de saúde e bem-estar e fortalecimento da identidade de professor/a-artista. Essa reflexão aponta para a compreensão de que a experimentação artística, a criação, os processos em arte, colaboram com o/a professor/a de arte tanto na experiência docente, quanto na afirmação do seu eu artista – num sentido amplo da palavra. Neste contexto, torna-se fundamental perceber a arte menor tão potente como qualquer outra produção artística legitimada.

O ateliê também se configurou como um território de atravessamentos, onde arte, pesquisa e docência se encontram nos momentos íntimos de experimentação, reflexão e recolhimento. Assim, esta entrevista contribui para pensar o espaço de criação como um lugar de coexistência daquilo que move, alimenta e instiga o/a artista, o/a professor/a, o/a pesquisador/a.

Referência

EÇA, Teresa. T. Perguntas no ar sobre metodologias de pesquisa em arte educação. In: DIAS, B. & IRWIN, R.L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. (71-82). Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

Submissão: 29/08/2025

Aprovação: 03/11/2025